

*Tudo se ilumina
para aquêle que
busca a luz.*

BEN-ROSH



*... alumia-vos,
e aponta-vos o
caminho*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 840 — PÓRTO

CO-MPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A
Rua da Fábrica, 80
PÓRTO

M A O Z S U R

(HINO DE HA NUCAH)

TRADUÇÃO DO ILUSTRE SÁBIO JOSEPH BENOLIEL

I

*A ti, meu Deus, a ti, meu Salvador,
A ti, só cabe o preito e o louvor.
Quando o teu santo Templo alevantares
Do pó onde jaz sepulto há dois mil anos,
Quando o inimigo audaz acorrentares,
Que ao teu povo sofrer fêz tantos danos;
Com cânticos de amor e gratidão
Celebraremos então
Doutro altar a feliz Dedicção.*

II

*De infindas mágoas a alma nos saciaram
Egípcios que à traição nos subjugaram;
Encheram-nos a vida de amarguras
Com trabalhos, vexames e tormentos;
Mas Deus pôs têrmo às nossas desventuras
E ouviu dos seus eleitos os lamentos;
E hostes egípcias e o seu rei perverso,
A voz do Rei do Universo,
Tudo no Mar Vermelho foi submerso.*

III

*Terra nos levou da Promissão
a adorá-lo no templo de Sião;
Mas ingratos e indóceis nos mostramos,
Servindo a deuses falsos e grosseiros:
Logo fugiu de nós a paz... e andamos
Cativos em países estrangeiros:
Setenta anos choramos em Babel
Lágrimas de sangue e fel
Até que nos salvou Jerubabel.*

IV

*Na Pérsia o impio Aman, feroz, medita
A arvore extirpar do povo israelita;
Mas abateu-lhe a audácia o justo Céu,
Descobrimdo e frustrando os seus enganos,
Dando fama e favor a Mardoquéo,
E a êle a morte inglória dos tiranos;
A êle e a seus dez filhos que arvoraram
A fôrca onde os enforcaram
Porque êles contra os justos conspiraram.*

V

*De Epifanes, o Grego, a crueldade
A pátria nos roubou e a liberdade.
O Templo profanando, e dos Hebreus
Mudando as Leis e as praças arrasando;
Até que Deus por mão dos Macabeus
Nos libertou daquele jugo infando.
O altar foi restaurado, e desde então,
Celebra a nossa nação.
Cada ano essa feliz Dedicção.*

O Judaísmo e a Guerra

Sob este título, o jornal francês *L'Europe Nouvelle*, de 4 de Novembro, publica um longo artigo sobre a situação dos judeus perante a guerra. O autor do artigo aborda estes dois aspectos: a acção política e os fins da guerra.

Extraímos deste artigo algumas passagens:

A ACÇÃO POLÍTICA

Ela é baseada inteiramente sobre um facto de ordem moral, cuja importância a ninguém escapará, principalmente aos dirigentes do III Reich. É que não há um só israelita no mundo, seja qual for o seu país, a sua língua, a sua situação social, que não tenha o sentimento de ser o aliado dos Aliados, que não deseje a sua vitória, que não queira fazer os impossíveis para que esta vitória seja total e obtida rapidamente.

Tentando abranger a acção pro-aliada do judaísmo, nós não falaremos, evidentemente, dos israelitas de França, de Inglaterra, da Checoslováquia e da Polónia, pois que neste caso fazem simplesmente o seu dever de bons franceses, ingleses, checos e polacos.

Dissemos já que os judeus da Polónia fizeram todo o seu dever desde o primeiro minuto da guerra, esquecendo graves dissensões que se tinham levantado entre as massas judaicas e diversos Governos polacos. Acrescentamos que o novo Governo, constituído em Paris, após a partilha provisória do país entre alemães e russos, resolveu manifestar, e duma maneira muito clara, esta reconciliação: um dos primeiros gestos do general Sikorski, Presidente do Conselho e chefe do exército polaco em França, foi o de assistir ao culto celebrado na Grande Sinagoga de Paris, em honra do país mártir.

FINS DA GUERRA

Há fins da guerra propriamente judaicos?

Sabe-se que, segundo a opinião de Hitler, os judeus quiseram a guerra. Ele próprio

denunciou, num discurso estravagante, pronunciado no Reichstag, a 30 de Janeiro de 1939, como sendo os únicos belicistas do mundo, ameaçando-os, em caso de guerra, de destruição total.

A verdade, toda a gente a conhece hoje. Os judeus foram as primeiras vítimas da guerra de agressão hitleriana. A sua eliminação de toda a influência sobre os destinos do Reich, como de resto a supressão de tudo o que ligava a Alemanha à civilização ocidental — as igrejas, as instituições democráticas, as ciências e as artes — tinha por fim retemperar o povo alemão num estado de barbárie, próprio para dele fazer o instrumento cego, dócil e terrível da guerra de conquista hitleriana. Além disto, introduzindo a luta anti-judaica em outros países, especialmente naqueles que o novo imperialismo neo-germânico, no momento, se desmoralizava, enfraquecia e fazia desviar sobre os judeus uma violência patriótica que poderia contrariar os desígnios dos futuros invasores.

... ..

A guerra não sendo judaica, os israelitas não desejam mais que ninguém a paz. Nenhuma finalidade da guerra foi anunciada, nenhuma reivindicação foi formulada por aqueles que falam e actuam em nome do judaísmo. Hitler, dizem eles, obrigou os povos livres a baterem-se pela sua independência e pela civilização! Que há de mais natural que o judaísmo esteja com eles? Os judeus, segundo a sua opinião, não têm mérito nenhum especial em consagrar todas as suas forças à defesa da unidade humana; eles nenhuma recompensa têm a pedir por se terem colocado, desde a primeira hora, no campo da liberdade. O seu lugar é neste campo e isso lhes basta.

Os maranos no estrangeiro

Na Sociedade Sionista de Genebra (Suíça), o nosso distinto correligionário Dr. Hans Klee, que veio assistir à inauguração solene da nossa Sinagoga do Porto, fez uma conferência intitulada *Viagem entre os maranos* (o ensinamento da História), perante numerosa e selecta assistência, que no final felicitou calorosamente o orador.

Os judeus nesta 2.^a Grande Guerra, na frente ocidental

1.º cabo João Pedro Sée, morto em combate

Agente de ligação do exército britânico, condecorado com a cruz de guerra com palma e com o seguinte louvor em ordem do exército:

«—Modêlo de fé, de coragem e de dedicação. Sempre voluntário para as missões perigosas.

Fazendo parte (a seu pedido) dum pôsto, defendido por elementos franco-britânicos, caiu em frente do inimigo defendendo-o com sucesso, dando assim aos seus camaradas britânicos e franceses o valor da sua bravura e da sua abnegação.»

O cabo João Pedro Sée, era o filho do capitão Raimundo Sée, morto na Grande Guerra, e sobrinho do coronel Fernando Sée e neto do general de divisão Leopoldo Sée e da Sr.^a Generala, que presidia com tanto fervor às obras caritativas da Comunidade Israelita.

Esta linhagem de soldados conta ainda os dois filhos de Madame Enos, mortos na Grande Guerra, igualmente netos do general Sée.

Louvor em ordem do exército francês referente ao sargento Eugénio Guuduín, do 8.º regimento de Zuavos, judeu parisiense, condecorado recentemente com a cruz de guerra: «— Oficial inferior de informações, homem de grande coragem e de dedicação absoluta, fêz um trabalho importante num pôsto muito perigoso, voluntário para patrulhas em território inimigo, relatou preciosas informações.

O sargento Pedro Bloch, deputado do Aisne, promovido por distinção a alferes e colocado no ...º Regimento de Artilharia Colonial.

Max Da Costa, antigo aluno da Escola Politécnica, promovido por distinção a capitão de artilharia.

Miguel Fróis, um dos primeiros classificados da Escola de Cavalaria de Saumur, promovido a alferes de cavalaria e desempenhando as funções de tenente. E' filho do Sr. André Fróis, antigo adjunto do *maire* de Bayonne e neto do Sr. Armando Gomes, Presidente do Consistório Israelita da referida cidade.

João Pôço, promovido por distinção a alferes de artilharia.

Maurício Stern, delegado do Fundo Nacional Judaico (Keren Kayemeth L. Israel), louvado em Ordem da Brigada e condecorado com a cruz de guerra com estrêla de bronze.

«—Na Ordem da Brigada, Maurício Stern, sargento do Regimento de Infantaria n.º 103, chefe dum grupo colocado nos postos avançados, organizou a retirada prevista do seu grupo debaixo do fogo do inimigo e, graças ao seu sangue-frio, reconduziu-o são e salvo para as nossas linhas depois de ter levantado e feito transportar um homem do serviço de reabastecimento, gravemente ferido.»

O capitão Jorge Levy, engenheiro civil de minas, foi condecorado com a cruz de guerra, acompanhada pelo seguinte louvor:

«—Muito bela atitude debaixo de fogo no dia 9 de Novembro, no cumprimento duma missão para a qual se tinha oferecido voluntariamente. Cada a noite, recusou ser rendido e continuou a transmitir as mais interessantes informações sob um bombardeamento de grosso calibre.

O sargento André Lehmann, promovido por distinção a 1.º sargento de infantaria e louvado por:

«—No dia 27 de Setembro de 1939,

fazendo parte dum ponto de apoio muito sumariamente instalado, cercado e fortemente atacado pelos alemães, apresentou-se voluntariamente para levar uma mensagem urgente ao comandante do sub-sector, a-pesar-de ter que atravessar uma zona muito perigosa, onde se tinha infiltrado o inimigo, e semeada de minas. Foi ferido pela explosão duma delas, cumprindo bravamente a sua missão.»



O soldado Carlos Hanun, do Regimento de Infantaria n.º 14, foi louvado por:

«— Voluntário para executar um *raid* às linhas inimigas, deu provas duma coragem notável durante o combate em que o seu grupo era atacado por um destacamento sete vezes superior em número. Depois de ter infligido perdas sérias ao adversário, pôde regressar às nossas linhas com os seus camaradas.»

Nos exércitos, ... de Novembro de 1939.

O CORONEL BEKER,

(Comandante do Regimento de Infantaria n.º 14)

(Extracto da Ordem Regimental n.º 5).



(Extracto da Ordem n.º 7 do Regimento de Infantaria n.º 27, do dia 1 de Outubro de 1939):

Maurício Bendim, soldado reservista, 3.ª companhia.

«Excelente soldado, dando provas de energia constante. No decurso do ataque alemão de 17 de Setembro, mostrou-se corajoso, sendo um exemplo para todos os seus camaradas.»



Da Ordem do Exército Aéreo:

Pedro Israel, tenente; Miguel Bernard, sargento-ajudante; André Robert, sargento-ajudante.

«Equipagem notável de coesão e sangue-frio. Encarregada dum reconhecimento que se tornava difícil pelas circunstâncias atmosféricas, não hesitou em cumprir a sua missão em baixa altitude e, a-pesar-duma defesa anti-aérea muito activa

TERRA DE ISRAEL

Várias fábricas foram criadas na Palestina desde o comêço da guerra. Fábricas de aço fino, de conservas de peixe, de couros e vinagre. Tôdas elas foram criadas por emigrados de Viena, de Praga ou de Berlim.

— As negociações comerciais entabuladas entre a Palestina e a Turquia terminaram por um acôrdo destinado a facilitar as trocas entre os dois países e à libertação dos créditos congelados na Turquia em conta dos exportadores palestinos.

— Foram organizadas mais duas unidades auxiliares palestinos, de 600 homens cada, compostas unicamente de alistados voluntários. As famílias destes mobilizados receberão pensões semelhantes às que são pagas às famílias dos mobilizados britânicos.



Uida comunal

Festividades — Pôrto — Foram celebradas nesta comunidade, na Sinagoga Kadourie Mekor Haïm, as festividades de Rosh Ha-shanah (Ano-Novo), Yom Kipur (dia de grande perdão) e Sukoth (festa das cabanas), com boa assistência de judeus portugueses, polacos e alemães.

Participaram em actos de culto os morim Samuel Rodrigues, David Moreno e o digno 1.º Secretário da Comunidade Sur Menasseh Ben-dob.

Também a festa dos Hanukah (festa dos macabeus) foi solenemente celebrada perante uma boa assistência de judeus portugueses e estrangeiros.

Instituto Teológico — Os cursos nocturnos desta escola de educação religiosa têm decorrido com regularidade, sendo professores os morim (preceptores) Samuel Rodrigues e David Moreno.

do inimigo, recolheu as mais preciosas informações fotográficas.

Atacada por aparelhos caças, obrigou o adversário a abrir combate e conseguiu reentrar nas nossas linhas, a-pesar-do motor ter sido avariado pelo fogo inimigo, dando provas, no decurso das circunstâncias, dum magnífico desprêzo pelo perigo.»

Os Judeus nas Ordenações Afonsinas

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO 95)

TÍTULO LXXVI

De como os Judeus hão-de viver em Judiarias apartadamente

El-Rei D. João meu Avô de louvada memória em seu tempo fêz Lei, de que o teor tal é.

1.º D. João pela graça de Deus Rei de Portugal, e do Algarve. A todos os Juizes, e Justiças dos nossos Reinos, que esta nossa carta virdes, ou o trelado dela em publica forma feita por autoridade de Justiça, saude. Sabede, que nós havemos por informação, que alguns lugares dos nossos Reinos os Judeus, que aí há, não vivem todos apartadamente em suas judiarias, segundo é ordenado por nós e pelos Reis, que ante nós foram; e que alguns deles vivem misticamente entre os Cristãos, e andam de noite às deshoras fora, das ditas Judiarias: do que a nós não praz, nem o havemos por bem feito, se assi é.

2.º E porém vos mandamos, que cada um de vós em vossos julgados façades apregoar, que todos os Judeus se vão morar dentro nas Judiarias, que lhes são apartadas até certos dias convinhaves, que lhes pera elo afinardes; e que outro si depois que fôr noite não saiam fora das suas Judiarias. E aqueles, que o contrario fizerem, vós os prendeis, e não os solteis sem nosso mandado; fazei-lhes tomar para nós todos os seus bens. E se em algum desses lugares não houver Judiarias, ou forem tão pequenas, em que todos não possam caber, vos os apartade, ou lhas acrecentade, se pequenas forem, de guisa que possam em elas caber em aqueles lugares, que forem mais convenhaves.

3.º E em esto sede bem deligentes, e avisados de guisa, que o serviço de Deus, e nosso seja em ele guardado; senão sede certos, que a vós nos tornaremos por elo, e vo lo estranharemos; unde al não façades. Dada em na Cidade de Braga a trinta dias de Setembro. El-Rei o mandou. Alvaro Conçalves a fêz. Era de mil e quatrocentos e trinta oito anos.

4.º. A qual Lei vista, e examinada por nós, havemos por boa, e mandamos que

A Guerra dos Pastores

No comêço do século XIV os judeus tiveram que suportar uma perseguição que não teve igual até então: é a conhecida pela *guerra dos pastores*.

Um santo fervor se tinha apoderado dos pastores no Meio-Dia da França e nas fronteiras de Espanha lhes tinha inspirado a idea de fazer a guerra aos sarracenos; mas antes, a exemplo dos cruzados, resolveram fazer mão baixa sôbre os bens judeus. Estes fanáticos pegaram em armas; o seu número aumentou com todos os vagabundos que percorriam o país, e em tôdas as cidades que se encontravam na sua passagem, os judeus eram massacrados.

A exaltação tinha feito de tal modo progresso que os senhores do Midi fizeram vãos esforços para se oporem aos massacres. O número destes desvairados era imenso. O Conde de Toulouse tentou mandar prender alguns; mas os monges acharam meio de os libertar, e publicaram que esta libertação era um milagre.

Desde então nada se opôs à corrente (segundo Ibn Verga Shebet Yudah), 120 comunidades judias foram inteiramente destruídas no Sul da França. Na Gasconha, em Castel-Sarrasin, Bordeaux, Agen, Foix os judeus foram implacavelmente massacrados, um grande número dêles tinha-se refugiado num castelo forte, sôbre o Garona. Êles sustentaram um cêrco; mas bem depressa foram obrigados a ceder ao número dos assaltantes, e gostaram mais de se darem à morte uns aos outros, do que cair vivos nas mãos dos seus perseguidores.

Contudo o Papa fêz todos os esforços para impedir estas desordens (Vide págs. 533-85 de *Les Juifs en France, en Italie et en Espagne*); pronunciou a ex-comunhão contra os pastores e reprovou também a conduta dos monges que, em nome da reli-

se guarde como em ela é contendo, e que se entenda nas Vilas grandes, e em outros lugares, onde houver até dez Judeus, e daí para cima; porque achamos, que assi foi ordenado por El-Rei D. Pedro de louvada memória em artigos gerais por ele acordados, e terminados nas Cortes, que fêz na Vila de Elvas.

gião, tinham podido autorizar semelhante banditismo.

Algumas cidades do Midi escaparam contudo ao furor desta horda de fanáticos. Em Montpellier os judeus foram salvos, e o chefe do bando dos pastores, que se tinha apresentado nesta cidade, foi morto. Eles não foram também felizes na Gasconha, e o que é verdadeiramente revoltante, é que quando os judeus desta região foram exterminados, Eduardo II de Inglaterra e Duque de Aquitania, escreveu friamente ao senescal da Gasconha para reclamar os bens destes infortunados (carta de Eduardo II, em 1321 — Arquivo da Torre de Londres), *«Estes bens (diz o rei de Inglaterra) pertencem a nós e não a outros.»*

O Sul da França não foi o único teatro destas cenas deploráveis. Elas estenderam-se à Navarra e Aragão; mas ali o rei chegou a parar os furores destes fanáticos e provou pela sua conduta que, se os reis tinham querido proteger os judeus, eles teriam podido salvá-los.

De Les Juifs en France, en Italie et en Espagne.

LONDRES

O major R. D. Q. Henriques, militar-escritor, laureado com o prémio internacional do romance

Tendo participado no concurso internacional do romance, o major Robert D. Q. Henriques acaba de obter, pelo seu livro *Nem armas nem armaduras*, um prémio de 3.000 libras esterlinas e a publicação da obra em onze países. O romance (vécu) pelo autor foi editado por Nicholson & Watson.

O major Henriques teve uma carreira romântica cheia de aventuras. Descende duma família cujos serviços prestados à Inglaterra batem todos os *records*. Nascido em Londres, em 1905, foi educado em Rugby e no Novo Colégio de Oxford, onde obteve uma menção honrosa na história moderna. Em 1926, entrou na artilharia

real. Jogador apaixonado de polo, recebeu no concurso de um *match*, que teve lugar no Cairo, uma fractura que o obrigou a ficar de cama durante um ano.

De regresso a casa, fêz serviço em Aldershot, em 1931 e em Wollwich, em 1932. O seu amor pela equitação permitiu-lhe o prazer de percorrer todo o país a cavalo por ocasião do «International Horse Show, Olympia». Em 1933, foi nomeado capitão na Territorial (R. A.). Há dois anos, expulsou o leão e o leopardo do Sudão e da África Equatorial.

No mês de Julho passado, o major Henriques, depois de ter completado um curso de Estado-Maior, foi nomeado oficial do Estado-Maior. É actual major da brigada R. A. nas novas divisões.

A família do major Henriques, que foi da Espanha para a Holanda, é uma das mais velhas famílias judaicas da Inglaterra, remontando ao reinado de Elisabete. O seu bisavô foi o primeiro judeu que fêz parte da Comissão Real. O seu pai e os seus três tios combateram na última guerra. O seu tio Ronald, militar regular no regimento do Reno, foi o primeiro soldado judaico caído no campo de honra em 1914. O seu pai, Juliano, advogado, que partiu como comandante da companhia «The Queen's Westminster Rifles», foi um dos primeiros comandantes da companhia T. A. sobre o *front*. Basile, seu irmão mais novo (actualmente director do estabelecimento judeu do «Bernhard Baron St-George»), comandou um dos primeiros *tanks* através o «no man's land», na última guerra, e Herald, seu outro irmão, serviu no batalhão motorizado da Royal Horse Guards.

Actualmente os dois irmãos gémeos do major Henriques (de 29 anos de idade) estão de serviço, um no estrangeiro, na R. A. e o outro, no país. Sua irmã, comanda um destacamento de 60 Nurses da V. A. D. Madame Robert D. Henriques é a filha do primeiro Visconde Bearsted e sobrinha do actual. É a irmã de Lady Swaythling.

Há nove meses o major Henriques tinha pôsto a sua casa, situada em Cotwolds, à disposição dos refugiados da Europa Central. Está actualmente ocupada por 24 refugiados, alguns dos quais se distinguiram nas artes e nas ciências.

Nem armas nem armaduras não é o

DOS QUATRO CANTOS DA TERRA

Espanha — O Ministro dos Negócios Estrangeiros condecorou, em nome do Generalíssimo Franco, o Rabi-mor, Presidente do Tribunal Rabínico de Tetuan (Marrocos espanhol), com a Cruz da Real Ordem de Isabel, a católica, que é uma das mais altas distinções espanholas.

Lituânia — O teatro judaico de Wilna reabriu ao público.

— Reünuiu em Kaunas um congresso de Rabis. Na sessão inaugural o Governador Civil, Sr. Rusteika e um representante do Governo, Sr. Solblis, apresentaram as suas saudações de boas-vindas aos congressistas. O Sr. Presidente do Conselho, o coronel Merkis, dirigiu uma mensagem à Direcção do congresso. Eram cêrca de 270 os Rabis congressistas.

Estados Unidos — A *United Jewish Appeal* recolheu a quantia de 250.000 dólares, da qual enviou metade a S. S. o Papa Pio XII, para os refugiados católicos dos países dominados pelo nazismo e a outra metade ao Rev. George Arthur Butterick, para os refugiados protestantes.

— A Associação dos antigos combatentes judeus dos Estados Unidos, abriu uma subscrição cujo produto será destinado à compra e envio para a Finlândia duma ambulância devidamente equipada.

— Em comemoração do 9.º centenário do nascimento do célebre Rabi Rashi, que viveu em França em meados do século XI, o Seminário Judeu de Nova Iorque organizou uma exposição de obras e de manuscritos do afamado teólogo judeu.

Bolívia — O primeiro cemitério judaico da Bolívia foi inaugurado nos arredores de

La Paz, em presença de personalidades oficiais e de representantes das comunidades judaicas da Bolívia. Tôda a imprensa da Bolívia publicou artigos referentes a esta cerimónia.

Turquia — O violento terramoto neste país impressionou a população judaica da Palestina, que enviou vestidos e medicamentos suficientes para socorrer 15.000 pessoas.

Os dois Rabis-mores da Palestina, Rev.º Herzog (rito tudesco) e Rev.º Uzul (rito português), dirigiram-se ao Consulado Geral da Turquia apresentando as suas condolências e as simpatias de todos os judeus da Palestina.

As municipalidades judaicas de Haffa e de Tel-Abiv enviaram, cada uma, 100 libras para o fundo de socorro aos sinistrados.

A Associação médica judaica Hadassah enviou uma missão médica ao local da catástrofe.

O pôsto emissor radiofónico turco oficial dirigiu uma mensagem de agradecimento à população palestinese e o Consul Geral turco em Jerusalém escreveu à Hadassah agradecendo, em termos calorosos, a sua espontânea ajuda.

União Sul Africana — O *Board of Deputies* judeu da África do Sul, enviou a quantia de 10.000 libras à American Joint Distribution Committee, para ajuda aos judeus pobres da Polónia.

Finlândia — O Rabi-mor Dr. Simão Federbuche dirigiu uma mensagem aos combatentes judeus do exército finlandês, exaltando o seu patriotismo e sublinhando o facto de que um grande número de voluntários judeus se tinham alistado ao serviço da Finlândia. Tôda a imprensa finlandesa publicou esta mensagem.

Egipto — Um grupo de voluntários judeus da Palestina chegou à cidade do Cairo e foi incorporado nas unidades britânicas de engenharia, Royal Engineers Corp.

primeiro livro do autor. Tinha já escrito *Death by Moonlight* (a morte ao luar), publicado em Inglaterra por Collins e na América por Morrow.

OBRA DO RESGATE **Lealdade da Palestina para com o Império Britânico**

Publicações — Foram publicados para o fim educativo dos cripto-judeus e outros os seguintes opúsculos:

Não por força, mas pelo meu espírito — Darush (Sermão pronunciado pelo *leader* dos Maranos, Artur Carlos de Barros Basto (Abraham Israel Ben-Rosh), na cerimónia da Dedicção Solene da Sinagoga Kadoorie Mekor H'a'im no Pôrto, no dia 16 de Janeiro de 1938 (15 de Shebat de 5698). Edição de *Ha-Lapid* (O Facho), periódico Israelita — Pôrto.

Oração Matinal de Shabbath (Segundo o rito português) — Arranjo e tradução por A. C. de Barros Basto (Ben-Rosl). Edição do Instituto Teológico Israelita (Y eshibah Rosh-Pinah) — Rua Guerra Junqueiro n.º 340, Pôrto.

Visita pastoral a Trás-os-Montes — O digno Reitor do Instituto Teológico Israelita (Yeshibah Rosh-Pinah), Presidente da Comunidade Israelita do Pôrto, o Sr. Capitão e Professor Barros Basto, acompanhado pelo nosso moreh (preceptor israelita) Joseph Pereira Gabriel, safu do Pôrto no dia 25 de Agosto passado, a-fim-de visitarem vários núcleos de judeus maranos desta província nortenha.

Visitaram Chaves, Rebordelo, Vinhais, Macedo de Cavaleiros, Mogadouro, Lagoaça e Fornos. Em todos estes locais os maranos ouviram palavras de fé dos mensageiros da Obra do Resgate.

Em Bragança, onde se encontrava também o moreh Samuel Rodrigues, houve um ofício especial na Sinagoga Shaaré Pidion (Portas do Resgate), sendo celebrante o novo moreh Gabriel, acompanhado pelo côro de antigos Talmidim da Yeshibah e usou da palavra o *leader* dos maranos, o Sr. Prof. Barros Basto, sendo escutados por todos com emoção, os dois mensageiros. Distribuíram várias publicações religiosas e quadros educativos por todos os lugares que visitaram e nos quais foram muito bem acolhidos.

O Sr. Reitor do Instituto e nosso Director trouxe muito boas impressões sobre a piedosa recordação que em todos encontrou em serem fiéis à fé dos seus antepassados. Regressou ao Pôrto no dia 2 de Setembro.

O Comité Executivo Palestiniano da Agência Judaica e o Conselho Nacional Judaico da Palestina (Vaad Leumi) decidiram, numa reunião comum efectuada em 3 de Setembro de 1939, proceder à inscrição de voluntários para o serviço nacional. Os voluntários serão inscritos para:

a) o serviço da comunidade judaica no que concerne à segurança, vida económica e outras necessidades públicas;

b) se pôr à disposição das autoridades militares britânicas na Palestina para os serviços que elas quiserem requerer dêles.

Mais de 135.000 judeus palestinianos (sendo um têtço mulheres) dos 18 aos 50 anos, se alistaram.

Nota-se que as relações judeu-árabes se vão tornando cada vez mais amigáveis.

Comité de Redacção de «Le Judaisme Sephardi»

Esta revista publica:

«Temos o grande prazer de anunciar que o Sr. Paul Goodman aceitou fazer parte do Comité de Redacção desta revista.

O Sr. Paul Goodman, secretário geral da importante comunidade hispano-portuguesa de Londres e vice-presidente do executivo da União Universal das Comunidades Sefardis, é muito conhecido dos nossos leitores para que seja necessário apresentá-lo. Já têm apreciado a qualidade dos seus artigos que se distinguem sempre pela sua clareza e sua perfeição. Historiador e escritor de talento, autor de diversas obras importantes, o Sr. Paul Goodman trará a esta revista uma colaboração que aumentará o seu valor. Saudamos sinceramente a presença do Sr. Paul Goodman entre nós.»